

Comunidade quer trabalhar na escola

Patrícia Andrade

Márcio Batista 07.12.90

Os moradores do Paranoá esperam que o primeiro Centro Integrado de Apoio à Criança (Ciac) cumpra não apenas a função de educar, mas também a de absorver mão-de-obra do lugar, consolidando seu papel social. "Quando for inaugurado, quero ir lá para ver se consigo um emprego de copeira ou na limpeza", planeja a moradora Josefa da Silva, que trabalha no Plano Piloto e não gosta de deixar os dois filhos sozinhos em casa. A comunidade aguarda com ansiedade sua abertura, porém revela um certo ceticismo. "Acho que tem tudo para dar certo, mas quero ver se vai ter vaga para meu filho", opina uma outra moradora, Maria Marli Novaes.

A maioria dos habitantes acredita que o Ciac vai tirar os meninos da rua e que, consequentemente, eles vão sair da marginalidade e deixar de se viciar em drogas. "O Ciac caiu do céu. As crianças ficarão mais horas na escola e não terão tempo para vagabundear", arrisca um palpite a dona-de-casa, Maria Aldete Santos.

Adaptação

Para implantar o Centro do Paranoá, o grupo de trabalho, criado pelo governador Joaquim Roriz no mês passado e formado por representantes das áreas de educação, saúde, serviço social, trabalho, cultura e esporte, está ouvindo sugestões das lideranças comunitárias. Os Centros Integrados do Distrito Federal vão se adaptar às características das áreas onde serão instalados. No Paranoá, por exemplo, o espaço físico destinado ao alojamento de menores carentes será transformado em duas salas de aula para cursos de iniciação profissional. "Na satélite não existem meninos de rua e sim meninos na rua, por isso não se justifica o alojamento", explica o secretário-executivo do Programa Nossas Crianças do GDF, Paulo Roberto Jucá.

Inicialmente, haverá dois cursos profissionalizantes: de instalador elétrico e de doceira, salgadeira, com 36 alunos no total. Segundo Jucá, a intenção é oferecer a especialização tendo como indicador as exigências locais, no caso as do Lago Norte. "Vamos formar pessoas para trabalhar nesse mercado, que demanda serviços como jardinagem, conserto de utensílios domésticos e conservação de piscinas", esclarece. A implantação desses primeiros cursos vai custar

à Secretaria de Trabalho cerca de três milhões de cruzeiros.

Stella dos Cherubins, da Educação, faz questão de frisar que o Ciac não é somente uma escola, pois apresenta projetos nas áreas de saúde, esporte, cultura, além de ter uma preocupação com a família das crianças que lá estudam. Num primeiro momento, o Centro Integrado vai absorver as 360 crianças do turno intermediário (mais conhecido como turno da fome) da Escola Classe nº 4 do Paranoá e também 50 crianças no pré-escolar.

Inventar a roda

As aulas começam logo depois da inauguração, marcada para este mês mas ainda sem dia certo. Serão 15 professores da própria Fundação Educacional que vão seguir os mesmos métodos adotados nas escolas da rede pública do DF. "A proposta do Ciac é inovadora, pela ampliação do tempo de permanência do estudante no colégio e pela

diversidade de atividades oferecidas", sustenta Stella dos Cherubins. "Mas não vamos inventar a roda, até porque já temos experiências de escola de tempo integral aqui em Brasília", completa. Além do conteúdo formal, os alunos terão duas horas semanais de educação artística, em que vão ser desenvolvidas as linguagens visual, sonora e cênica.

No Ciac, também haverá espaço para um Centro de Saúde, com consultórios de odontologia, pediatria, obstetrícia e posto de vacinação. Doze profissionais de curso superior, entre médicos, enfermeiros e assistentes sociais, além de 36 de nível médio estarão trabalhando no Centro Integrado do Paranoá. Para a sua montagem, a Secretaria de Saúde vai ter de desembolsar cerca de 52 milhões de cruzeiros. O posto terá a capacidade de atender um grupo populacional de 10 mil pessoas.



Stella: "DF tem experiência"

Estudantes ficam entusiasmados

O cenário do Paranoá mudou. De um lado, pequenas casas e escolas simples; do outro, um complexo de cinco prédios arrojados construídos em argamassa armada e estrutura metálica. Não deixa de ser um contraste que coloca as crianças em estado de perplexidade. O arquiteto responsável pela obra, Newton Bacelar, conta que algumas delas chegam ao Ciac e falam com entusiasmo: "Dizem que a gente vai entrar aqui e só vai sair quando se formar".

A escola de 1º grau, a creche, o pré-escolar, o centro de saúde, o ginásio, o pequeno anfiteatro e o campo de futebol estão distribuídos em uma área de 4500m². Todos os prédios são interligados e suas portas estampam figuras geométricas coloridas, uma idéia do artista plástico Athos Bulcão. Em um mesmo módulo, estão a creche e a pré-escola. São quatro berçários com capacidade para 20 bebês, quatro salas para a pré-escola e um playground, que fica no pátio interno.

O prédio da escola é o único que tem dois andares. Em cima, há doze salas de aula, onde vão estudar 500 alunos. No andar de baixo estão o refeitório, a cozinha, a biblioteca, uma sala de múltiplo uso e os sanitários. Os deficientes físicos

vão contar com um elevador para se deslocar.

Fibra de vidro

O ginásio chama a atenção. De longe, avista-se a estrutura triangular de argamassa armada e fibra de vidro. A quadra é polivalente e, do lado de fora, há um pequeno anfiteatro com arquibancadas e palco pintado de amarelo, verde e azul.

A construção do primeiro Siac do Brasil demandou 85 dias de trabalho, sem interrupção. Foram necessários 250 operários e 600 milhões de cruzeiros. Todas as peças já chegavam prontas na obra e apenas eram montadas. A fábrica da Novacap produziu os componentes que foram confeccionados pela empresa de metalurgia Irmãos Gravina. De acordo com o engenheiro de produção, José Otávio Veiga, foi preciso um número de pessoas além do necessário — cerca de 600 — para trabalhar na produção. Isso porque, segundo ele, a unidade da Novacap tem oito anos de idade e não é automatizada.

Hoje, o Ciac já vai estar totalmente pronto. Na quarta-feira chegam os móveis. Até o final desse ano, o GDF quer iniciar a construção de mais três: em Samambaia, Santa Maria e Planaltina. Na Ceilândia as obras já começaram. (P.A.)

Tempo integral não é novidade

No Distrito Federal já existem doze escolas de tempo integral, onde os alunos ficam seis horas do seu dia. "Fazer o Ciac funcionar aqui em Brasília não vai ser difícil, porque não se trata de uma proposta paralela ao sistema educacional do DF. Já temos experiência nessa área", diz a secretária de educação, Stella dos Cherubins. No Guará, a Escola Classe 1, desde fevereiro, abre suas portas às 7h30 e só fecha às 13h30, isso para os estudantes do turno da manhã.

O tempo nesse colégio é dividido entre aulas normais, atividades esportivas, artísticas e religiosas. Além disso, 50 minutos por semana são dedicados à revisão e ao reforço do conteúdo dado. As crianças almoçam e tomam café da manhã na escola. Uma pesquisa feita, há dois meses, pela diretoria da escola revelou que os alunos dão especial valor às refeições e às aulas de literatura. Segundo a diretora Marli Elói de Oliveira, as 305 crianças do turno matutino mostram tanto entusiasmo que os que estudam à tarde também querem ficar mais tempo no colégio.

A Escola Classe 1 do Guará tem 17 professoras de dedicação exclusiva, que ganham um salário que varia entre 300 e 400 mil cruzeiros. São profissionais de nível superior e com especialização. (P.A.)